



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: *Batalha-Lisboa* • Telefone: 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## NA BARBARA ALEMANHA NO PORTUGAL CIVILIZADO

Tinhamos dito, num dos nossos artigos acerca da momentosa questão do inquilinato, que a lei alemã era mais perfeita do que todos os diplomas que em Portugal tem aparecido. É mais perfeita por uma simples razão: em Portugal legisla-se para favorecer o senhorio, na Alemanha decreta-se para proteger o inquilino.

A lei alemã não se limita a meia dúzia de artigos, dos quais se possam tirar conclusões diversas e absurdas, que estabeleciam uma dúbia linha de conduta entre o inquilino e o senhorio, o proprietário do edifício. Lá vai-se mais longe, sujeita-se o inquilino ganancioso, que aluga quartos e parte de casa por quantias exorbitantes, a um regime tam rigoroso como aquele a que o próprio senhorio está sujeito.

Não se pode, na Alemanha, sem autorização oficial: demolir prédios ou parte de edifícios; nem alugar, para fins industriais ou comerciais, casas que até 1 de outubro de 1918 tinham servido de habitação, nem tampouco transformar, para iludir a lei, vários apartamentos num só compartimento. Os proprietários ou indivíduos que vivem do aluguer de quartos, quando quizerem alugar as casas, são obrigados a anunciar o número, situação e dimensões dos apartamentos e ainda o número de locatários que os ocuparão.

Se, por exemplo, morre qualquer locatário, a sua morte deve ser participada no prazo de três dias, assim como deve ser igualmente participada a saída dos locatários.

Logo que a casa se encontre deshabitada o senhorio é obrigado a participá-la.

Assim as estações oficiais estão ao facto de tudo quanto se passa entre senhorios e inquilinos.

Como nas cidades alemãs o aumento de população é considerável, há, como haveria aqui, toda a conveniência em aproveitar todas as casas, todos os cantos, onde um indivíduo ou uma família se possam alojar. Por isso o luxo de possuir muitas casas, muitos palácios, como alguns ricachos possuem, para viver seis meses aqui e outros seis meses acolá, foi abolido.

Todo aquele que possua maioria casa, deve indicar qual das considera principal, onde passará a residir definitivamente.

Todo este movimento de alegres está perfeitamente regulado. O inquilino que deseja uma casa para habitar está manido dum documento a que dão o título de *carta da autoridade*. E como as respectivas repartições estão informadas de todas as casas de voluntários, o Estado requisitará, para que não tem lar, uma das casas desocupadas, que o próprio inquilino tem a liberdade de visitar e ver se lhe agrada ou não.

O Estado pode, portanto, requisitar:

1.º As casas ou quartos que estejam livres ou de que não se faça uso;

2.º Todas as habitações que não sejam consideradas como domicílio próprio;

3.º Quartos ou salas de hoteis para uso especial de pensionatos, hospitais, azilos, etc.;

4.º Casas ou anexos; inclusivamente cocheiros, que em proporção com o número dos seus habitantes, possam ser considerados superfluos ou grandes de mais para o seu possuidor, e que sem consideráveis alterações do edifício seja possível dividirlos de forma a serem empregados como aposentos independentes;

5.º No caso de os quartos ou aposentos acima aludidos não se poderem transformar, devem mesmo assim utilisar-se para albergar pessoas sem domicílio.

Vê-se, pois, que a preocupação governante alemã está em não deixar um só pedaço por aproveitar e que os ricos, os bemaventurados ante um grande mal tem de sacrificar o seu bem estar para atenuar a desgraça geral. Há uma certa tendência igualitária que contrasta profundamente.

### CONFERENCIAS

### Associação Anti-Alcoólica

Esta associação promove hoje nova conferência de propaganda contra o alcoolismo, na sede do Grupo Dramático de Belém, rua Paulo Gama, 4, 1.º, às 21 horas, dedicada ao operário local, sendo franca a entrada.

A comissão organizadora mandou imprimir convites para distribuir nesse bairro, a fim de o conterente, o propagandista Lion de Castro, ser ouvido pelo maior número possível de operários.

CONFERENCIAS

### O que há no Porto? Acontecimentos graves

Por notícias imprecisas, do Porto, que ontem correram na capital, sonhou-se que naquela cidade se passaram graves acontecimentos, dos quais resultaram alguns mortos.

Até à hora de escrevermos, não recebemos qualquer comunicação do nosso correspondente, possível sendo que algum telegrama que nos enviesse esteja retido no correio, como por várias vezes tem sucedido.

Supõe-se, no entanto, que fôsse alvo a greve de solidariedade para com as classes marítimas, pelo que as ruas teriam sido tomadas pela polícia e guarda republicana. Numa das principais artérias explodiu uma bomba que matou um agente da polícia de segurança do Estado, ferindo outro gravemente. Um automóvel que conduzia o major sr. Ricardo Nogueira, chefe do movimento da Companhia Carris de Ferro, foi pela polícia intimidado a parar. Como não fôsse obedecida, a força fez uma descarga, tendo uma das balas atingido aquelle oficial, que faleceu instantaneamente, ficando o chauffeur em perigo de vida.

Esperamos que o nosso correspondente nos informe circunstancialmente, por carta, do que no Porto se há passado, para elucidarmos os nossos leitores.

### A conferencia de Londres

#### A prepotência dos aliados

PARIS, 7.—Todas as propostas alemãs tendentes a reduzir o quantitativo das reparações, serão recusadas. Os alemães ou aceitarão as decisões de Paris, ou apresentarão contra propostas que seem satisfatórias.

Se o Estado alemão entender que deve ceder a certos indivíduos mais necessidades qualquer apostoamento, não hesita, põe em execução a seguinte disposição legal:

Art. 17.º Desde que o Estado faça requisição de qualquer casa, o proprietário perde todo o direito a dispor do seu prédio. Não pode ceder um compartimento sequer a outra pessoa que não seja a indicada pela autoridade, quer seja contra pagamento quer gratuitamente.

As obras só podem ser feitas com licença do Estado.

Caso o locatário do prédio requisitado abandone a casa, o direito de requisição subsiste.

O Estado alemão quando reconhece que um indivíduo não pode pagar renda, obriga o senhorio a ceder-lhe gratuitamente qualquer aposento. O Estado português deixa que os senhorios lancem á sua famílias inteiras que se veem obrigadas a dormir ao ar livre.

Todo aquele que possua maioria casa, deve indicar qual das considera principal, onde passará a residir definitivamente.

Todo este movimento de alegres está perfeitamente regulado. O inquilino que deseja uma casa para habitar está manido dum documento a que dão o título de *carta da autoridade*.

E como as respectivas repartições estão informadas de todas as casas de voluntários, o Estado requisitará, para que não tem lar, uma das casas desocupadas, que o próprio inquilino tem a liberdade de visitar e ver se lhe agrada ou não.

O Estado pode, portanto, requisitar:

1.º As casas ou quartos que estejam livres ou de que não se faça uso;

2.º Todas as habitações que não sejam consideradas como domicílio próprio;

3.º Quartos ou salas de hoteis para uso especial de pensionatos, hospitais, azilos, etc.;

4.º Casas ou anexos; inclusivamente cocheiros, que em proporção com o número dos seus habitantes, possam ser considerados superfluos ou grandes de mais para o seu possuidor, e que sem consideráveis alterações do edifício seja possível dividirlos de forma a serem empregados como aposentos independentes;

5.º No caso de os quartos ou aposentos acima aludidos não se poderem transformar, devem mesmo assim utilisar-se para albergar pessoas sem domicílio.

Vê-se, pois, que a preocupação governante alemã está em não deixar um só pedaço por aproveitar e que os ricos, os bemaventurados ante um grande mal tem de sacrificar o seu bem estar para atenuar a desgraça geral. Há uma certa tendência igualitária que contrasta profundamente.

### A festa de "A Batalha"

A festa que um grupo de dedicados amigos de *A Batalha* promove para o próximo dia 18 está destinada a obter grande êxito. Além de dois actos de excelente teatro, será recitada por um distinto actor uma poesia do nosso camarada Manuel Ribeiro, expressamente escrita para esse efeito.

O prazo concedido às associações para a aquisição de bilhetes termina hoje, estando já passados a maior parte deles.

*A BATALHA* Vende-se em Oeiras na casa do Sr. Joaquim Pimentel.

### UM PLANO IGNÓBIL

## Querem destelhar várias casas!

### E o que pretende fazer à manhã, no Convento das Bernardas, um bandido, com o concurso de operários

#### Um apelo ao operariado da construção civil

Assistimos continuamente a acontecimentos praticados por senhores que se nos afogariam inverossímil, se por estas oficinas não houvessem desfilado muitas das vítimas, que são às centenas.

Diariamente aqui se dirigem famílias a queixar-se das truculências postas em prática pelos proprietários dos prédios em que tem residido, sendo alguns dos expedientes a que essa cáfila de bandidos recorre tam impróprios de criaturas de sentimentos que nós, que aliás temos assistido à prática de tropelias as mais infames, pasmos de audácia de certos miseráveis que se dizem homens, quando tem instintos de feras da pior espécie.

Vimos de ter agora conhecimento dum plano abominável, que denota da parte de quem o arquitetou a maior autêntica de escrupulos, parecendo impossível que ele haja partido dumma criatura humana, tal o aspecto repugnante que o envolve.

Narremos.

No velho edifício do antigo Convento das Bernardas, à Esperança, residem centenas de famílias pobres, que, à falta de casas, ali fazem moradia, a maioria delas em condições absolutamente des confortáveis. Várias tentativas tem sido feitas para afastar dali aquela pobre gente, que na impossibilidade de arranjar nova habitação, outra sorte não teria senão a de ficar em plena rua.

Vendido, há tempo, aquele terreno a vários indivíduos, alguns destes, no propósito de desalojarem os moradores, tem recorrido a expedientes de diversa natureza, sem se preocupar com a situação em que viriam a ficar os actuais inquilinos do velho pardieiro, que a outra coisa não olham os gananciosos senão à sua febre de ganhuha.

Havendo falhado, por motivos vários, os seus planos, e na ansia de bem depressa verem afastada a pobre gente, premeditam agora esta coisa incrivel: mandar destelhar as casas!

Um dos indivíduos que comprou parte do terreno é o proprietário, simultaneamente mestre de obras, M. Coimbra, que sabemos ter convidado para aquele ignobil fim o pessoal da construção civil que trabalha na sua obra da Avenida 5 de Outubro.

E no intuito de assegurar a esses operários que mal algum poderá suceder-lhes, afiançou-lhes que seriam protegidos pela guarda republicana, anunciando-lhes a ignobil tarefa para amanhã.

### Uma exortação do Sindicato Único da Construção Civil

Concededor do torpe plano do referido proprietário, o Sindicato Único da Construção Civil dirige àqueles e a quaisquer outros operários da indústria a seguinte exortação:

Chegou ao conhecimento deste Sindicato que os proprietários do antigo convento das Bernardas, sito na rua da Esperança, pretendendo despedir todos os inquilinos do referido convento, pensam pôr em prática uma infâmia sem nome, como seja mandar destelhar todas as habitações, para assim forçarem os inquilinos a abandonar as casas.

Em face destas violências, o sindicato apela para a consciência de todos os operários da indústria a fim de que se não prestem ao repugnante papel de executores dummissão dessa natureza, pois que devem lembrar-se que no referido convento habitam centenas de famílias, que se veriam na contingência de ficar ao rigor do tempo, atenta a grande falta de casas para habitar.

Que todos os operários sigam de perto os manejos desses proprietários sem escrúpulos, que dizem que colocarão a guarda republicana a proteger os operários que se prestem a executar o referido trabalho.

Estamos certos de que não só os operários a quem o miserável se dirigiu, mas também quaisquer homens que honradamente granjam os meios de subsistência pelo exercício dum profissão útil, repelião indignadamente tam vil convite, que só poderá ser atendido por criaturas desclassificadas.

Não. Decididamente o miserável não encontrará entre a classe operária quem seja capaz de prestar-se a desempenhar tam ignobil papel.

E' possível que encontre da parte das autoridades toda a proteção para levar por diante a tremenda infâmia, mas acreditamos que entre operários não logrará encontrar um só que ajude na baixíssima tarefa.

### A GREVE

## DOS TRABALHADORES DOS JORNALIS

#### Pulverizando a insidiosa

Da Comissão Pró-aumento de salário dos trabalhadores dos jornais recebemos a seguinte nota:

"No seu número de ontem afirmava O Século que os trabalhadores dos jornais em greve, no intuito de escamarem a consciência nacional, convocaram o sr. Aníbal Soares a que abrisse um debate sobre a publicação dum jornal de que se propõe ser director, para o que os delegados dos grevistas lhe teriam oferecido, além de tipógrafos, papel e máquinas, ao que aquele senhor se negou.

Entretanto manifestações de tóda a classe operária contra a escamagem de que assinaria e a concordância por parte das empresas ocupadas provavelmente Dusseldorf. — Rádio.

A Alemanha continuará a resistir às exigências dos aliados

BERLIM, 7.—A situação criada pela conferência de Londres continua sendo muito grave visto que a Alemanha não tem negado a obedecer ao ultimatum que foi feito na conferência de Londres. Um batalhão inglês tomara

de posse a casa da *Ultima Hora*, tendo sido feita embora por um grupo de grevistas, era da exclusiva responsabilidade desse elemento, conforme foi tornado público por ocasião do aparecimento desse jornal, e em relação ao *Diário da Tarde* e à *Restauração* sucede facto idêntico, além de nenhuma das empresas ocupadas terem feito nenhuma reacção.

Essa reacção só não foi feita porque os delegados dos grevistas lhe teriam oferecido, além de tipógrafos, papel e máquinas, ao que aquele senhor se negou.

Esta comissão, que representa os trabalhadores dos jornais em greve, opõe-se ao desmentido de que os delegados dos grevistas lhe teriam oferecido, além de tipógrafos, papel e máquinas, ao que aquele senhor se negou.

Da mesma maneira que a escamagem de que assinaria e a concordância por parte das empresas ocupadas provavelmente Dusseldorf. — Rádio.

A comissão Pró-aumento de salário dos trabalhadores dos jornais.

#### União dos Sindicatos Operários

Devem comparecer hoje, pelas 20 horas, no gabinete deste organismo, todos os delegados que foram nomeados na última reunião do conselho de delegados, a fim de tomarem posse dos respetivos cargos.

### DEBATE DE OPINIÕES

## UMA ANÁLISE

Debate de opiniões... Perfeitamente. Mas se assim fôr somente, não virá aí. Esperaria eu ver as minhas reproduzidas por outro para melhor as avaliar. Porém, nestas colunas não se tem debatido opiniões; tem-se combatido teorias e doutrinas, sofismado princípios, deturpado os factos sociais. Sim, porque não é tudo a mesma coisa... E se é preciso demonstrá-lo à face da filosofia... nunca mais nos entremos.

Em sociologia, como no resto, vamos — uma opinião é o verdadeiro da verdade, isto é, uma ilação sua. Verdade, é o que realmente existe — p. ex. noção dos sentidos; verdadeiro é o que se julga ser verdade — produto da laboração mental baseada em factos. Adiante.

Como à medida que o

## (2) CONGRESSO NACIONAL METALÚRGICO

## Intensificação e desenvolvimento da Metallurgia Nacional pela introdução da siderurgia no País

(A discutir no Congresso Nacional da Indústria que se efectuará em Tomar, no mês de Abril)

Portugal, que é constantemente apoiado de ser um país essencialmente agrícola, e com condições climáticas e geográficas verdadeiramente preveladas, e uma área continental de 89.106 quilómetros quadrados, e que tem apenas uma população fixa de 5.900.000 habitantes, importa ainda anualmente, para o consumo nacional, quase 30.000.000 de alimento, na sua maioria de origem agrícola—cerais, farinaceos, arroz, batatas, queijo, etc., etc.

Nem podia deixar de ser assim, alias morreríamos todos de fome! E isto porque o país, que falsamente é considerado como país agrícola, conserva ainda quase metade da sua área por cultivar.

E' uma barbaridade, é um crime de lesa humanidade ter que importar produtos agrícolas e deixar tanta terra inutilizada, abandonada e improdutiva.

Um país que possue regiões como o Alentejo, com vastas e ricas planícies,

onde se pode aplicar a mecânica a todos os trabalhos agrícolas, pondo assim em prática a cultura científica e intensiva, não se comprehende que tenha de comprar no estrangeiro uma boa percentagem de géneros de produção agrícola para alimentar os seus habitantes.

Esse género custa lá fora preços fabulosos e tem que ser pagos em ouro—um dos principais factores da castrada da vida.

E' sem embargo, todos esses géneros podiam e podem ser produzidos abundantemente no país e por preços modicais, evitando-se assim o exodo de tanto ouro e o agravamento do custo e das escasas de alimentação.

Para isso, porém, necessitamos de aproveitar mais consciente e intensivamente o solo nacional, seguindo os processos de técnica científica moderna, empregando os métodos de cultura intensiva com sementes seleccionadas e,

a fertilização das terras pelas colmatações e adubos apropriados.

Além disso, precisamos fazer as irrigações indispensáveis aos muitos e variados ramos de cultura, aproveitando as águas do sub-solo ou o represamento das águas das chuvas, por meio de diques e albufeiras que virão a prestar um grande concurso ao desenvolvimento da agricultura nacional, especialmente no Alentejo, onde a agitação é muito abundante.

Porém, para a efectivação de todos estes trabalhos é mister muita maquinaria, tanto industrial, como agrícola; são necessários todos os tratores e alfaias agrícolas que a moderna lavoura mecanizada requer.

E nós, mau grado nosso, não fabricamos ainda todas essas máquinas, nem tratores, e nem sequer todas as alfaias agrícolas para o consumo nacional.

E se não as fabricamos não é porque os operários portugueses não tenham a capacidade de assimilação e de adaptação a todos os trabalhos, por mais meticulosidade e precisão que esses trabalhos requerem; mas sim porque os dirigentes não tem dada o indispensável incremento à metallurgia nacional que só se pode desenvolver completamente pelo estabelecimento da siderurgia no país, que, indiscutivelmente, reúne todos os predicados para isso.

E quando nós atentamos na drenagem do ouro nacional, mercê da importação de uma boa parte dos géneros alimentícios que consumimos; da importação do ferro, aços e outros metais e

da balsa e dos respectivos subprodutos para consumo da metallurgia e outras indústrias; da importação da maquinaria industrial, tratores e alfaias agrícolas que não produzimos; e, finalmente, quando examinamos detida e conscientemente os recursos e riquezas naturais de Portugal, abanado e inaproveitadas, preguntamo-nos indignadamente a nós próprios como é que há ainda criaturas que dizendo-se amigas da sua terra, amigos da sua pátria, possam condonar e opor entraves à implementação da siderurgia no país?

Sim, senhores governantes! Sejam quais forem os interesses materiais que alguns de vós temhais ligados ás casas importadoras, nós, os trabalhadores conscientes, os trabalhadores revolucionários, que sistemáticos e constantemente somos apodados de traidores e vendidos, não podemos conceber que os senhores, que permanentemente arrotam patriotismo, não só não procuram desenvolver as indústrias nacionais, como ainda oponham obstáculos áquelas que porventura as queiram desenvolver.

E, é tanto mais inconcebível e estranhalvado esse procedimento, quanto é certo que quem mais vinha a lucrar com o desenvolvimento industrial e engrandeecimento do país eram precisamente os senhores dirigentes.

Quanto mais prósperas e florescentes forem as indústrias, mais e maiores serão os rendimentos industriais, mais e maiores contribuições o Estado lhes poderá lançar.

O ouro que vai para fóra do país podia ficar, e, embora a maior parte dele fosse para as classes dirigentes se banquearem, o resto sempre havia de atenuar um pouco a miséria e a fome que lavram nos lares proletarianos.

Mas não! As indústrias não se desenvolvem, as riquezas nacionais não se aproveitam e o ouro continua saindo criminalmente do país, agravando-se assim, cada vez mais, a tremendíssima e desesperadora crise económica e financeira em que estamos envolvidos, que tanto nos vexa e opriime.

A estatística da importação de máquinas, artigos e manufaturadas metalúrgicas é 1914.

Aparelhos de destilação e concentração no vácuo (cobre), 9.232 quilos, 3.518; aparelhos e máquinas eléctricas, 538.889, 249.23; aparelhos e máquinas litográficas e seus pertences, 12.425, 6.670; aparelhos e máquinas litográficas, 105.559, 58.391; aparelhos, máquinas de vapor, gaz ou ar quente, até 30 cavalos de força nominal (278), 165.440, 68.339; máquinas de vapor, gaz ou ar quente, de 30 a 100 cavalos de força nominal (43), 216.993, 48.279; máquinas de vapor, gaz ou ar quente, de 100 a 200 cavalos de força nominal (23), 230.007, 259.940; relógios de algarismos com caixas de ouro (5.350), 312.378, 46.005; relógios com caixas de outra qualquer matrícula (42.544), 50.415; relógios de torre completos, com um só corpo de rodagem (2), 1.80; relógios de dois ou mais corpos de rodagem (9), 1.999; relógios não especificados (83.382), 38.904; peças para máquinas de relógios (513), 2.619.

Embarcações novas de vapor (até 200 m.2 de arqueação (20), 47.390; embarcações novas de vapor (com mais de 300 m.2 (7), 156.040; material circulante para caminhos de ferro, 2.915.878, 481.705; automóveis completos (375), 815.234; automóveis incompletos (rodados com motores), 114, 184.448; armas brancas (completas) (748), 2.783; armas brancas (peças separadas) (44), 162; armas de fogo (artilharia) (5), 47.128.

(Continua)

## A suspensão da "Última Hora"

## O aumento do preço dos jornais só é viável sentido geral

A Comissão Executiva do movimento dos trabalhadores dos jornais pró-aumento do salário recebeu a seguinte carta dos nossos camaradas editores da "Última Hora" cuja publicação foi então suspensa:

Prezados camaradas da comissão executiva do movimento dos trabalhadores de jornais pró-aumento de salário.

Os abaixo assinados, componentes da cooperativa editora da "Última Hora", tomaram ontem a deliberação de suspender o diário da tarde que vinham editando e veem explicar-vos os motivos que a essa resolução os levaram.

Acima do objectivo de proporcionar a uma quinzena de grevistas os meios de honestamente se manterem durante o período da greve e o de auxiliar até os seus camaradas que permanecem sem trabalho, a "Última Hora" teve como fito indicar às empresas jornalísticas uma solução prática, rápida e justa a dar ao nosso movimento: o aumento do custo do jornal para dez centavos.

Foi a "Última Hora" lançada a público numa ocasião em que, à tarde, não existia nenhum outro jornal nem a 10 nem a 5 centavos—condição esta indispensável para se fazer a experiência do acolhimento público ao aumento do custo dos jornais, pois de ante-mão sabíamos que, em desigualdade de preço, o público preferiria o mais barato.

Na vida curta da "Última Hora" constou-se que nos dias em que apareceu só, nem concorrentes em preço, a venda foi mais compensadora, baixando, porém, gradualmente com o aparecimento sucessivo de outros jornais à mesma hora e de custo inferior: Diário da Tarde, O Tempo, Monarquia Nova, Opinião.

Nestas circunstâncias, sucedeu o que estava previsto: perante a concorrência de preços entre jornais à mesma hora, o público preferiu o mais barato, impossibilitando-nos de continuar mantendo com independência a publicação do jornal e os seus cooperadores, pelos processos honestos da venda ao público e da angariação, sem favores especiais, quaisquer que spontaneamente adquiridos, de anúncios.

Como o Primeiro de Janeiro—ao tomar a resolução de passar a vender-se a tostão—estávamos nós convencidos de que o nosso exemplo contribuiria para facilitar a liquidação da greve, e se, de facto, tal acontecesse—continuamos servindo-nos dos termos do importante diário português—grande, imenso senso de nosso orgulho e plenamente justificado o nosso orgulho.

Não queríramos, porém, as empresas aproveitarem-se do exemplo e da força moral que o nosso jornal—feito por um grupo de jornalistas—lhes dava e persistem em preferir dar ao público o direito de suspeitar da legitimidade das suas fontes de receita—como disse o Primeiro de Janeiro ao elevar para 10 centavos o custo avulso dos seus exemplares—ou em continuar vivendo à custa da exploração e da miséria do seu pessoal a cujas reclamações modestas e justificadíssimas de aumento de salário opõem-se a uma tenaz resistência.

Persistem assim as empresas em querer, por mero capricho, manter um preço de venda que, segundo o Primeiro de Janeiro, é insuficiente comparado com os dos materiais empregados na confecção do jornal e com a remuneração rasoavel do pessoal que sabe trabalhar. Paciência. Por nossa parte, continuamos defendendo o nosso ponto de vista. Desde que as empresas declararam não poder atender as reclamações do seu pessoal e sendo óbvio que os trabalhadores de jornais não podem viver com os salários que recebem, a única solução que lógicamente se apresenta é o aumento de preço—a não ser que, por magnanimidade extravagante, as empresas queiram dar ao público o jornal por preço inferior ao do custo mesmo que o façam sem condonar o seu pessoal a comparticipar dessa magnanimidade à custa da miséria própria e da sua família.

É conclusão: a experiência feita de um jornal a tostão convenceu os abaloxo assinados de que aos jornais que possuem uma característica própria, não faltam os leitores de que necessitem, mas com a condição de que esse preço seja fixado para todos. Essa condição, aliás, foi já compreendida pelas empresas quando ao acordarem aumentar de 2 para 5 centavos o preço dos jornais, reclamaram do governo um decreto fixando o actual preço de 5 centavos como mínimo.

E' idêntica será—disso estamos con-

## A BATALHA em Coimbra

## COLISEU DOS RECREIOS

A's 21 horas

2.ª apresentação do interesse

OS EXPLORADORES

desempenhado pelos pequenos

artistas Adriana &amp; Charlote

Emocionante campeonato de luta

RELWYSKOU

e o conhecido atleta português

CLARO

5.ª FEIRA—Festa artística dos

engraçados clowns Calmo &amp; Célio

com interessantes surpresas

## PROPAGANDA SINDICAL

## Nos operários alfaiates

Como estávamos anunciado, realizou-se

ontem na sede dos Operários Alfaiates

uma sessão de propaganda sindical,

que foi presidida por Artur Correia de Araújo, secretariando Aníbal da Silva e José Saraiva de Aguiar.

Faziam Manuel Guilherme e Almeida Alberto Monteiro, referindo-se

à necessidade de lazer, uma propaganda

ativa entre a classe e aos resultados

da activa entre a classe e aos resultados

da última greve, apelando para a

boa disposição dos presentes. Citam-se

as perseguições ao operariado espanhol,

a quem hoje se devem

as suas lições, concluindo por afirmar

que a transformação social terminaria

com todas as anomalias existentes.

Aníbal da Silva e Ernesto Bonifácio

referiram-se aos presos por questões so-

ciais, alvitrando o último que se abriu

entre os camaradas operários

e os seus dirigentes.

Foi presente o seguinte protesto,

que a assembleia unanimemente apro-

vou:

Os operários alfaiates, reunidos em

sessão de propaganda associativa, co-

nunciaram os jesuíticas perseguições

míticas pelos reacionários ao opera-

riado, resolvendo tornar público

o seu mais indignado protesto

contra a reacção espanhola, aquela mesma

que assassinou Ferrer, e que este pro-

testo seja enviado à C. A. T. por inter-

mediário da C. G. T.

A questão do Panamá

## A guerra continua

E os Estados Unidos pre-

param-se para

tirar vantagens...

WASHINGTON, 7.—Dizem de

que dois mil soldados da Costa

Rica atravessaram a fronteira e ocuparam

Guatambé e Almirante. As guarni-

ções retiraram sem resistência devido

a sua inferioridade numérica.

O secretário de Estado, Hughes,

depois de conferenciar com o presidente

Harding, enviou um ultimatum ao Pa-

namá e à Costa Rica intimando-lhes

que cessassem imediatamente as hosti-

lidades.

Vão também enviados navios de

guerra dos Estados Unidos para os

portos do Atlântico e do Pacífico do

Panamá e da Costa Rica, para proteger

a propriedade e as vidas dos subditos

americanos.

A guerra continua

e os Estados Unidos pre-

param-se para

tirar vantagens...

WASHINGTON, 7.—Ontem houve um com-

bate entre uma fôrça inglesa de

homens e insurretos irlandeses. Foram

mortos dois oficiais e dois soldados

uma notícia não oficial diz que